



A Fazenda Engenho d'Água e os engenhos de Ilhabela

Dr. Plácido Cali, arqueólogo e historiador

A Fazenda Engenho d'Água e os engenhos de Ilhabela

Dr. Plácido Cali, arqueólogo e historiador

SETEMBRO DE 2021

Secretaria de
CULTURA

ILHABELA
SINTA A NATUREZA



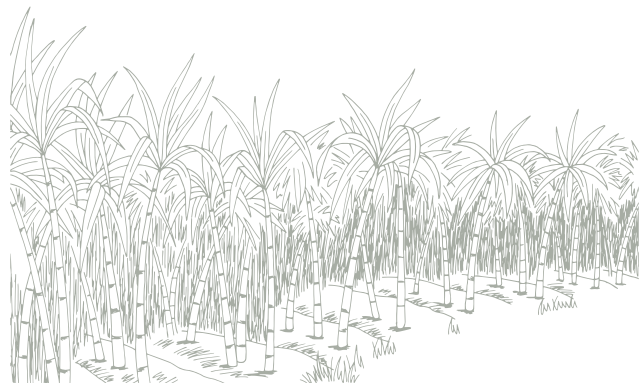


CALI, Plácido. *A Fazenda Engenho d'Água e os Engenhos de Ilhabela*.
Ilhabela: Secretaria Municipal de Cultura, 2021.

Índices para catálogo sistemático
Engenhos; Ilhabela; Patrimônio Histórico,
História, Cachaça; Cana-de-Açúcar

Sumário

I	UM PATRIMÔNIO DA CIDADE	4
II	HISTÓRIA DA FAZENDA	8
III	ARQUITETURA DA FAZENDA	13
IV	ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR	20
V	BIBLIOGRAFIA	31



Um patrimônio da cidade

A Fazenda Engenho d'Água é considerada um dos principais patrimônios históricos e culturais de Ilhabela. Construída em fins do século XVIII ou início do XIX, teve seu reconhecimento através do tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 1945, e depois pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico – Condephat, em 1973.

Apesar disso, enquanto um imóvel particular, não era possível conhecer e visitar a fazenda. Mas, em 2015, a Prefeitura Municipal de Ilhabela adquiriu o imóvel contendo a casa sede, o engenho d'água, aqueduto e pequena represa, um alambique, cinco tonéis de madeira amendoim cada e outras construções existentes, desde a antiga escola dos filhos dos trabalhadores da fazenda (em

frente à avenida) até as baias dos cavalos mais ao fundo do terreno, além de algumas tralhas da fazenda e dois veículos. Após a utilização da Fazenda para eventos pontuais, finalmente o imóvel foi aberto ao público em definitivo em setembro de 2021, com uma ampla proposta de realização de exposições, atividades de Educação Patrimonial, atividades culturais e aproveitamento turístico desse importante espaço da cidade.

Além de materializar parte im-

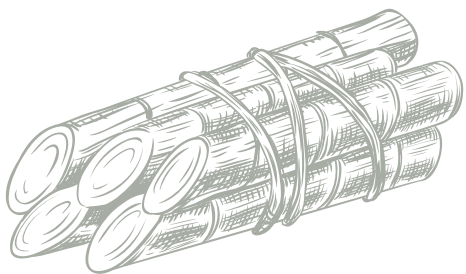
portante da história de Ilhabela, a Fazenda Engenho d'Água sempre se manteve viva na memória coletiva da comunidade, numa relação afetiva importante na manutenção da identidade do ilhabelense.

O direito de acesso ao seu passado e à sua herança cultural e aos lugares simbólicos da história do município resulta na apropriação do patrimônio pela comunidade, dando-lhe pertencimento e preservando sua história às gerações futuras.



Desenho de Victor Hugo Mori. IPHAN, 1989.





História da fazenda

A Fazenda Engenho d'Água tem sua origem estimada em fins do século XVIII ou início do XIX, época em que a produção açucareira no litoral norte ganha expressão. Não há documentação que permita reconstituir sua trajetória desde a construção da casa sede e do engenho d'água. Em meados do século XIX pertenceu ao Coronel Alexandre Martins de Oliveira Filho e seu irmão Fran-

cisco Alexandre de Paula Martins (SANT'ANA, 1976: 261, 328 e 490).

Originalmente, foi uma fazenda de cana-de-açúcar com engenho d'água. Como muitos outros engenhos em Ilhabela, passou a produzir cachaça, até esta se tornar a principal atividade de produção.

No século XX, uma área da fazenda foi ocupada por um grupo de imigrantes japoneses que passou a plantar arroz e hortaliças.

Depois de outros proprietários, em 1939 o imóvel, bastante degradado, foi comprado por Maria Leonor de Souza Dias da Silva Gontier e seu marido Bernard Gontier.

A casa foi tombada pelo IPHAN em 1945, após o início das obras de restauração promovidas pelo proprietário sob orientação do IPHAN.

Logo voltaram a plantar cana-de-açúcar na propriedade e ter nova produção de cachaça, que durou até a década de 1970.

Desde então, o local onde ficavam os fogões a lenha responsáveis pelo aquecimento dos alambiques que cozinhavam a garapa

foi transformado em sala de estar da casa. Na seção dos alambiques, composta pelos tachos de cobre que podem ser vistos atualmente no local, foram construídas paredes de proteção, cujas peças foram modernizadas, adquiridas novas por motivos de ruínas ou desgaste das peças originais.

A água represada em piscina natural da cachoeira, localizada na parte alta do terreno, era controlada por uma comporta. Ainda hoje, quando aberta, as águas escorrem pelo aqueduto até chegar à roda do engenho, junto ao casarão no terreno de baixo.

Herman Hugo Graesser, 1942. Acervo IPHAN





PROTEÇÃO LEGAL

Tombada pelo IPHAN:
Processo 0347 - T 45. Livro
Belas Artes: nº inscr. 402,
vol. 1, f. 078, 22/10/1951. Livro
Histórico: nº inscr. 290, vol. 1,
f. 049, 22/10/1951.

Tombada pelo Condephaat:
Processo 348/73. Resolução
de Tombamento: ex-officio
em 04/06/1979. Livro do
Tombo Histórico: nº inscr.
120, p. 20, 03/07/1979.

Registrada no Inventário
do Patrimônio Edificado
e Ambiental de Ilhabela,
de 2021.

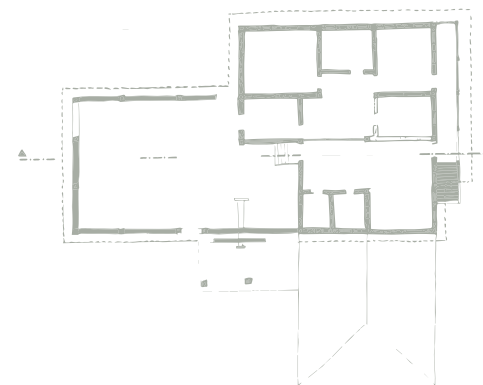
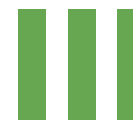




Plácido Cali



Fonte: SASSO, Analee. Parque Engenho D'Água. São Carlos, 2017



Arquitetura da fazenda

O edifício principal abrigava tanto as atividades industriais quanto a de moradia dos proprietários. O pavimento superior da casa possui um alpendre de frente para a praia, acessível por escada lateral, que dá acesso ao pavimento superior da casa e possibilitava, também, a fiscalização dos trabalhos na fazenda.

O primeiro pavimento possui 379 m² e o segundo, 295 m², totalizan-

do 674 m². O pé-direito do primeiro pavimento tem 2,75 m e o do segundo, 2,20 m, totalizando 5,10 m.

O partido e a organização arquitetônica também eram lusitanos e inéditos no Brasil, mas respeitando a antiga imposição colonial, que exigia um alpendre, onde ocorria a intermediação entre o público e o privado.

Conforme já demonstraram Lemos & Mori (2008:138) “em todos



esses engenhos do litoral norte, paredes mestras, embasamentos e colunas de pedra entaipada. Paredes divisórias e dos puxados, de taipa de mão”.

Ainda segundo os mesmos autores, “sua restauração deu-se por volta de 1947, sendo o projeto do arquiteto Oswaldo Bratke, que, com a anuência do IPHAN, no alpendre, manteve o assoalhado original agora apoiado em estrutura de concreto”.

De maneira geral, conforme nos relata Luís Saia, “foi utilizada a alvenaria de pedra (socada em taipais), pau a pique (paredes internas e mesmo externas) e paredes de tijolo em armadura de madei-

ra (paredes externas do Engenho d'Água)”. Mais adiante, em seu livro **Notas sobre a arquitetura rural paulista**, de 1944, Luís Saia acrescenta que se utilizavam “paredes de pedra para a parte das plataformas mais baixas e paredes mais leves, de pau a pique ou tijolo, na parte superior”.

O telhado possui diversas águas, com longos beirais, e telhas capa e canal. Nota-se nas fotos antigas a presença de três óculos na fachada lateral e três na frontal. Os da lateral foram substituídos por portas. Quatro portas que não existiam na edificação original foram criadas. Os óculos frontais foram mantidos. Destaca-se o alpendre

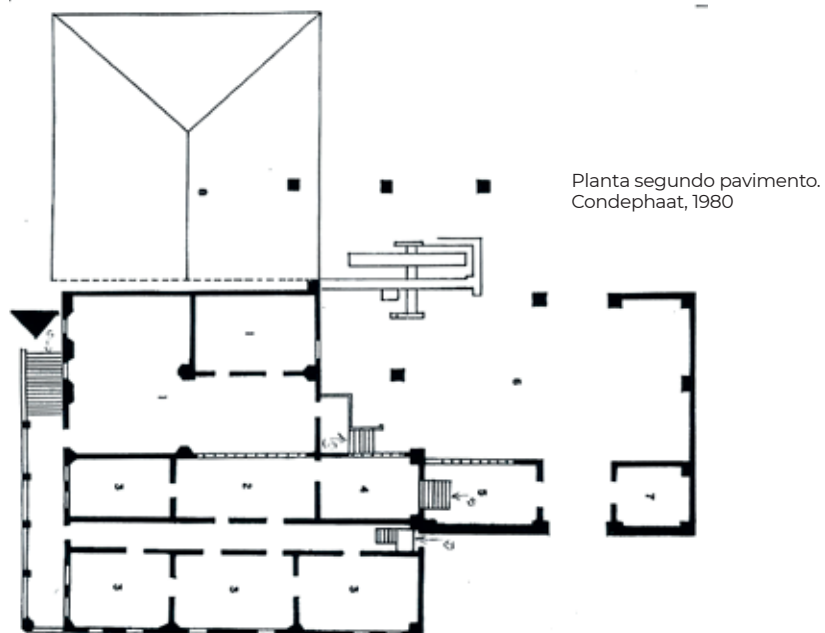
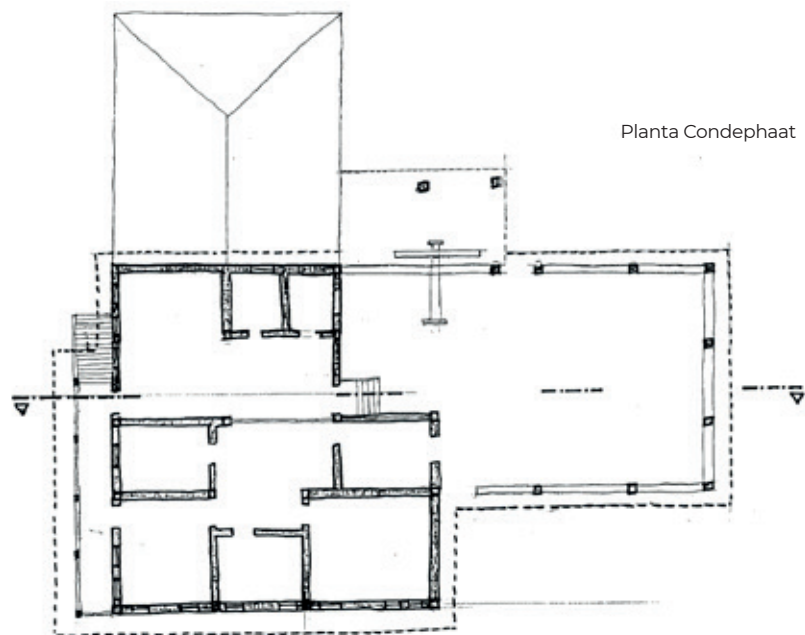
frontal da casa, também conhecido como “pretório”. O alpendre é o telhado suspenso por si só ou suportado por pilastras ou colunas, sobre portas e vãos de acesso. Assim, todo acesso abrigado é um alpendre. Na casa, uma parte da cobertura geral transforma-se em alpendre. Logo, chamamos de alpendre a cobertura desse recinto. Esse espaço coberto pelo alpendre pode ser chamado de varanda ou por outras denominações conforme a época ou região.

De origem ibérica, nas antigas residências o alpendre também servia



Herman Hugo Graeser, 1942. Acervo IPHAN

para separar e diferenciar os indivíduos. “Era no alpendre que o fazendeiro, ou senhor, recebia agregados ou escravos da lavoura. Era dali que dava ordens ou superintendia os serviços” (CORONA & LEMOS, 1972).





Rótulo e garrafa da cachaça Engenho d'Água, acervo Instituto Miguel de Souza

Produção de cachaça na fazenda

O processo de produção da cachaça contava com 11 barris e a destilação em alambiques de cobre. Alguns alambiques originais foram

substituídos por novos comprados nos Estados Unidos. Após a destilação da cachaça nos alambiques, a bebida era recolhida e levada para os tonéis de envelhecimento. O galpão dos tonéis estava separado da casa-grande, nele estavam os grandes barris de madeira de carvalho, grandes recipientes onde as ripas são unidas por compressão por meio de anéis.



A produção da cachaça durou até meados de 1970.

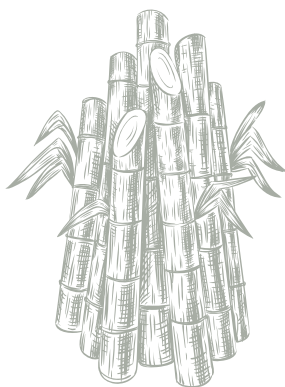
Engarrafamento

A cachaça ia dos barris para um tanque e, por pressão, às garrafas. Ao final, a garrafa era tampada com rolha e recebia o rótulo.



Equipamentos e peças do processo de engarrafamento da cachaça

IV



Engenhos de cana-de-açúcar

Os primeiros registros de engenhos de cana em Ilhabela remontam ao ano de 1608, quando o português Francisco de Escobar Ortiz veio com sua família do Espírito Santo para “povoar a Ilha de São Sebastião” e teria construído o primeiro engenho. Tal informação tem origem na obra Memória Histórica de São Sebastião, de Antônio Paulino de Almeida (1958), que faz referência

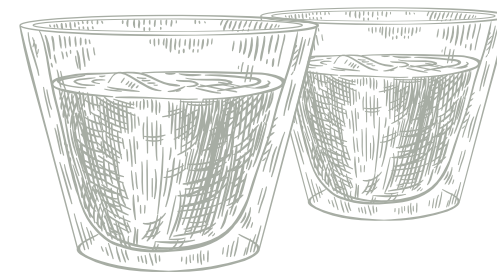
na página 215 ao exposto por Luiz Gonzaga da Silva Leme em “Genealogia Paulistana”. Almeida também acrescenta que “Ortiz foi senhor de dois engenhos de açúcar, os primeiros da ilha”. Entretanto não é possível estabelecer ligações entre tais engenhos e os vestígios de engenhos conhecidos em Ilhabela.

Sobre a produção canavieira do século XVII em Ilhabela, há poucas informações, assim como não

há registro de ruínas de engenhos desse período. Mas no século XVIII registrava-se uma expansão, sendo que em 1788 havia 39 engenhos no litoral norte paulista (Rodrigues, 2020: 36), que exportavam sua produção pelo Porto do Rio de Janeiro, que oferecia melhores preços.

Mas em 1789 o governo estabeleceu que os produtos da Província de São Paulo somente seriam comercializados pelo Porto de Santos. Isso causou grandes prejuízos, com o problema somente corrigido em 1798 com a liberação do comércio em todos os portos. O efeito foi imediato e, em 1799, já se registravam 44 engenhos no litoral norte paulista (sendo 37 de São Sebastião e Ilhabela), uma produção de 40.143 arrobas de açúcar, 239 canadas e 11 pipas de aguardente, ultrapassando produção anterior à proibição, conforme dados de Maria Thereza Schorer Petrone (1964). Ainda segundo a mesma autora, “O engenho e o canavial haviam impregnado a paisagem, transformando-a completamente” (1968, p. 225).

A produção continua no século XIX, registrando-se, em 1825, a produção de 2.159 arrobas (de 15 kg) de açúcar¹. Mas o açúcar vai cedendo espaço à aguardente, sendo que nos mesmos anos de 1825 produ-



ziu-se 158 pipas de aguardente. A partir da década de 1830, os canaviais cedem lugar ao café, que passa a ser mais atrativo, e uma nova paisagem domina Ilhabela. De uma produção em 1825 de 579 arrobas de café, passou-se, em 1836, para 10.289 arrobas de café². O encolhimento dos canaviais reflete no registro de 22 engenhos em 1836 por Muller³, cuja população era de 4.295 habitantes naquele ano. Em 1854, segundo Taunay (1939: p. 131), a Ilha de São Sebastião, com 10.769 habitantes, registra 225 fazendas de café com 1725 escravos e uma colheita de 112.500 arrobas de café, a maior produção do litoral paulista e o 11º lugar em toda a Província de São Paulo.

¹ FRANÇA, Ary. A Ilha de São Sebastião: estudo de geografia humana. Boletim 178/10. São Paulo: FFLCH/USP/D.G, 1954, p. 144.

² Op. cit.

³ MULLER, D. P. Ensaio d'um quadro estatístico da Província de S. Paulo (em 1836). Secção de Obras d'“O Estado de S. Paulo”, 1923.



Por volta de 1870 a 1880, a economia cafeeira na ilha tem o seu declínio. Em 1886 registrou-se 4.000 arrobas produzidas e uma população de 6.833 habitantes⁴. Neste momento, a produção da aguardente, que sobreviveu nos antigos engenhos, torna-se o mais importante produto comercial local.

Segundo Nestor Goulart Reis (1999: 65 e 66), “a ausência de produção açucareira não significava necessariamente um afastamento total do setor canavieiro. Os engenhos eram adaptados para a produção de aguardente, que servia como moeda no comércio de escambo na África para a compra de escravos. Esse foi o caso de quase todas as propriedades rurais do lito-

ral norte de São Paulo”. Reis ainda acrescenta que “nessas regiões, a mudança de produto não significou necessariamente a desativação e a destruição das edificações em que se instalavam os engenhos”.

Em 1896 e 1897 temos o registro de 31 engenhos e uma produção de 800.000 litros⁵. Já em 1924 a produção caiu para 370.000 litros⁶. Pelo menos dois engenhos foram criados no século XX somente para a produção da cachaça, o de Leonardo Reale, em Castelhanos, e o da Toca.

⁴ França, Id, p. 146.

⁵ Op. cit.

⁶ SCHMIDT, c. b. A Cultura prática da bananeira nanica do Litoral Norte Paulista. São Paulo: Secr. Agricultura, 1934, p. 68.

Engenho São Matias

Fazenda com casa sede e engenho d’água do final do século XVIII ou início do XIX. O edifício abrigava tanto as atividades industriais quanto a de moradia dos proprietários. Conforme descrito em 1948 pelo arquiteto Luís Saia, do então DPHAN - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN, “de todos os exemplares deste tipo de construção ainda existentes ou em ruínas no litoral paulista, talvez seja aquele que, pela excelência do tratamento arquitetônico, das soluções

de agenciamento tanto da localização como de solução dos setores de trabalho e habitação, retrate com maior nitidez um tipo específico de habitação senhorial de uma região paulista. Neste sentido, o seu valor é excepcional e tudo deve ser feito para a sua conservação e restauração”. (Ofício de Luís Saia – Chefe do 4º Distrito da DPHAN ao Sr. Floriano de Almeida, São Paulo, 22 de dezembro de 1948). Casa da Fazenda Velha ou São Matias, processo de tombamento nº 352-T-45, fl. 41).

Herman H. Graesser, 1945. Acervo IPHAN



Na década de 1970, os últimos engenhos são desativados



Destaca-se a capela no final do alpendre, que pode ser acessada por ele numa porta e também por um quarto da casa, permitindo que a cerimônia religiosa seja vista por quem não é da família e não tem acesso ao espaço doméstico, como também pode ser acessada pelo quarto interno da casa. O retábulo de sua capela, também descrito como “oratório” e “altar”, é datado de 1824. Segundo Carlos Lemos, “podemos acreditar que esse guarnecimento religioso seja posterior à construção”. (LEMOS, 1999: 135). O retábulo foi doado ao Museu de Arte Sacra de São Paulo.

De maneira geral, conforme nos relata Luís Saia, “foi utilizada a alvenaria de pedra (socada em taipais), pau a pique (paredes internas e mesmo externas) e paredes de tijolo em armadura de madeira”.



Museu de Arte Sacra de São Paulo

Muitos móveis da fazenda foram vendidos e encontram-se na Casa Museu de Artes e Artefatos Brasileiros.

Engenho da Toca

Engenho de cana-de-açúcar edificado em alvenaria de tijolos, movido a água por gravidade, visando a produção de cachaça. Foi construído na década de 1930 no chamado “partido aberto”, que significa que a moradia dos proprietários era independente da área industrial, ao contrário do Engenho d’Água e do Engenho São Matias.

O telhado de duas águas com telhas capa e canal foi refeito em 2014.

Foram realizadas algumas alterações internas e o descascamento dos pilares e paredes visando reduzir os problemas com umidade diretamente nos tijolos.

A propriedade foi constituída por Rafael Penteadado de Barros e, desde 1959, pertence à família belga Van Sebroeck. A partir de 2014 passou por adaptações para voltar a produzir cachaça. Hoje possui uma roda-d’água, três moendas e um

Plácido Cali



Fachada frontal atual do engenho da Toca



Fachada frontal atual do engenho da Toca



alambique. Bárbara Van Sebroeck, arquiteta e uma das proprietárias do engenho, pesquisou o local no seu trabalho “Engenho da Toca; um caso de investigação e memória” (FAU/USP, 2015).

Atualmente, o Engenho da Toca permanece aberto à visita pública e também produz cachaça utilizando o equipamento tradicional. Localiza-se na Estrada da Toca, 1000.

Engenho dos Reale, Castelhanos

O engenho localizado próximo à praia dos Castelhanos, da família Reale, foi criado na década de 1930 e construído em alvenaria de tijolos. Muitas peças, maquinário e as próprias telhas são originários do chamado “Engenho Velho” de Castelhanos, feito em alvenaria de pedra e cal e que na época estava desativado. Naquele momento a produção do engenho já visava a cachaça. O italiano Pascoal Reale,

que chegou a Ilhabela no início do século XX, trouxe o jovem Leonardo Reale, que se tornaria um agricultor e o proprietário do engenho. Entre 1964 e 1968, também ocupou o cargo de Prefeito Municipal de Ilhabela.

Leonardo casou-se com Alzira Reale e teve cinco filhos: Vitor, Humberto, Hélio (Hélio Reale foi o filho que o ajudou no engenho e ainda é vivo), Ítalo e Ophélia.



Engenho da Família Reale em Castelhanos, s/d. Acervo da Família Reale.



Rótulo da
cachaça
Favorita. Acervo
Instituto Miguel
de Souza

Conforme informação do pesquisador Edson Souza, com base em entrevista com o Sr. Hélio Reale, a produção da cachaça seguia nos barris por canoa até a Vila. O que não era levado para venda em Santos ficava no depósito na rua Sete de Setembro, 100, onde ainda hoje se preserva o casarão colonial. Parte da produção era vendida em Ilhabela, nos armazéns da Vila. Produzia-se 18.000 litros de pinga por mês. O engenho funcionou até 1967.

A cachaça chamada “Favorita” fi-

cou famosa em Ilhabela, sendo que durante a fermentação da garapa, o suco do anis-estrelado era fervido com a bebida, depois acrescentavam-se algumas folhas de mexerica, guaco e capim-santo (capim-limão ou cidrão), responsáveis em criar o tom azul da cachaça, motivo pelo qual também ficou conhecida como “pinga azul”.

No ano de 2.000, as ruínas do engenho e moendas foram registradas como sítio arqueológico, sendo hoje local protegido.

O **Projeto Arqueológico de Ilhabela**, coordenado pelo arqueólogo Plácido Cali entre 1999 e 2006, identificou e cadastrou 21 engenhos, quase todos feitos de alvenaria de pedra e cal; hoje, em sua maioria, encontram-se em ruínas. O levantamento chegou perto dos

engenhos registrados no mapa da **Comissão Geográfica e Geológica** em 1912, que indicou 27 engenhos em Ilhabela.

Apresenta-se aqui imagens de algumas das ruínas desses engenhos, cadastradas como sítios arqueológicos.

Plácido Cali, 2000



Acima, sítios Engenho do Poço e Engenho Jabaquara



Escavação arqueológica do sítio Engenho Pacuíba I



Acima, ruínas do sítio Engenho da Feiticeira. Ao lado, ruínas do sítio Engenho Praia Grande. Abaixo, roda-d'água do Engenho Cocaia.

Foto: Edson Souza



V

Bibliografia

ALMEIDA, Antonio Paulino de. Memória histórica sobre São Sebastião. **Revista de História XIX**. São Paulo, 1959.

CALI, Plácido. **Inventário do Patrimônio Edificado e Ambiental de Ilhabela**. São José dos Campos: Gestão Arqueológica Consultoria, março de 2021.

CALI, Plácido. **Sinalização e Aproveitamento Turístico dos Sítios Arqueológicos**. São José dos Campos: Gestão Arqueológica Consultoria, fevereiro de 2021.

CALI, Plácido. **Diagnóstico do Patrimônio Cultural e Arqueológico do Parque Estadual de Ilhabela**. Plano de Manejo do Parque Estadual de Ilhabela. Gestão Arqueológica Consultoria/Fundação Florestal, 2011.

CALI, Plácido. **Projeto Arqueológico de Ilhabela. Relatório 2007 (07/06 – 04/07)**. São José dos Campos: Gestão Arqueológica Consultoria, 2007.

CALI, Plácido. **Sítio Arqueológico Engenho Pacuíba I**. São José dos Campos: Asseart, 2003.

CALI, Plácido. Engenhos do demônio, engenhosidade humana. **Jornal da Ilha**. Ilhabela, maio. 2001. n. 48.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.

FRANÇA, Ary. **A ilha de São Sebastião: estudo de geografia humana**. Boletim 178/10. São Paulo: FFLCH/USP/ Departamento de Geografia, 1954.

IPHAN. Processo 01458.000273/2013-71. **“Casa da Fazenda Velha ou São Matias, no município de Ilhabela, Estado de São Paulo”**, São Paulo, 2013.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. **Genealogia Paulistana**. São Paulo: Ed. Duprat & Comp, 1903.

LEMOS, Carlos A. C.; MORI, Víctor H. **Patrimônio: 70 anos em São Paulo**. São Paulo: 9ª. SR/IPHAN, 2008.

LEMOS, Carlos A. C. **Casa Paulista: História das Moradias Anteriores ao Eclétismo trazido pelo Café**. São Paulo: EDUSP, 1999.

SAIA, Luís. “Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século”. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 8, 1944. p. 211-275.

PADUA, Carolina Dal Ben. **Parecer Técnico 056/15**. São Paulo: IPHAN-SP.

SAIA, Luís. **Notas sobre a evolução da morada paulista**. São Paulo: Ed. Acrópole, 1957.

SANT’ANA, João Gabriel. **Genealogia Sebastianense**. São Paulo: Gráfica Sangirad G. Fonseca & Santos Ltda, 1976.

SOUZA, Edson dos Santos. **Estórias e Histórias de Ilhabela**. Águas de São Pedro, Editora Livronovo, 2014.

TAUNAY, A. de E. **História do café no Brasil**. 13 vols. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939.

VAN SEBROECK, Bárbara. **Engenho da Toca; um caso de investigação e memória**. São Paulo: FAU/USP, 2015. Trabalho de conclusão de curso.



Foto: Plácido Cali

Visite A Fazenda Engenho d'Água

Avenida Pedro Paula de Moraes, 1345.
Bairro do Engenho d'Água, Ilhabela, São Paulo.

Secretaria de
CULTURA

ILHABELA
SANTA A NATUREZA

